

UMA ATITUDE RADICAL E UMA NOVA RELIGIOSIDADE: A proposta de Vilém Flusser para os ambientes da cultura e do lixo

Roberta Dabdab²¹

Resumo

O artigo apresenta relações, principalmente entre os reinos da cultura e do lixo, assim designados por Flusser em suas correspondências como engenheiro agrônomo Rodolfo Geiser (1982- 1991) e em seus artigos *Da Gula*, *A consumidora* e *Enjaulado pelas Coisas* e aponta para a urgência de uma atitude extremamente radical do homem frente ao seu desígnio existencial de Homo Faber.

Palavras chave: Lixo; Nova religiosidade; Ativismo ecossocial; Pedagogia da intersubjetividade.

Abstract

The article interrelates Flusser's concepts of culture and waste, named by him during exchange of correspondence with the agronomist Rodolfo Geiser (1982-1991) and his articles "Da Gula", "A consumidora" and "Enjaulado pela Coisas" to point to the urgency of a human's extremely radical attitude towards his existential intention of Homo Faber.

Keywords: Waste; New religiosity; Eco social activism; Pedagogy of intersubjectivity.

Introdução

“Doravante o homem servirá de alimento aos seus próprios excrementos. Será devorado por seus instrumentos, suas instituições, suas doutrinas e seus testes.”

Vilém Flusser

Na epígrafe acima, localizada em seu artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, *Da Gula* (1963), Flusser aponta para um cenário que historicamente vem - exponencialmente – formando-se e nos “formando” desde as revoluções burguesas e a abertura para o livre-mercado, iniciadas no século XVIII, emparelhado às revoluções industriais e à transição maquinica nos processos de produção, originando por fim no século XX o termo “sociedade de consumo”, momento da história em que o crescimento econômico e a geração de lucros são pautados pelo consumo.

Com entonação profética, o autor sinaliza com clareza o paradigma que vivemos e que interessa para este artigo: “A geração atual não é capaz de consumir uma parte

²¹ Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, mesmo programa em que concluiu o mestrado. Graduada em Comunicação Social pela Faap. Artista visual e fotógrafa. E-mail: robertadabdab.9@gmail.com.

considerável dos produtos (materiais e ideias), que sobre ela se precipitam”, diz. De maneira aguda, ele propõe uma expressão mais adequada para essa realidade: “Sociedade impotente para o consumo” (s./d.-3, p. 126).

Destaco suas ideias que problematizam e elucidam a hegemonia do pensamento “Homo Faber” - “a meta do homem é realizar obra”. Flusser aponta para a urgência da conscientização e da regulamentação do ritmo da circulação do meio ambiente.

A situação dentro da qual fomos lançados solicita insistentemente os nossos apetites e dispersa constantemente a nossa atenção, evitando que nós nos encontremos a nós mesmos. As coisas que nos cercam formam uma massa pegajosa que nos prende para determinar todos os nossos movimentos. O esforço do qual falo exige, de início, um movimento de recolhimento. (s./d.-6, p. 67)

Essa “massa pegajosa” é o seu terreno do lixo, ou dos semiacabados, ou da cultura – tudo junto misturado, sem separação.

O lixo que está inundando a cultura na forma de produtos mal digeridos e vomitados não apenas atrapalha os passos dos homens pelo labirinto, corta suas mãos e pés com seus cacos, infecta com suas bactérias de podridão, seus pulmões e mentes, e ainda atrai os homens com sua moleza informe de lodo. Toma-se, por engano ontológico, o lixo por natureza. (s./d.-3, p. 127)

Já está mais do que sabido que algoritmos e bolhas nos “determinam” e que vivemos no “controle”, exercido pelo ponto de vista de quem os criou – aquilo que Suely Rolnik define como “a versão contemporânea da exploração pelo regime colonial-capitalístico” - financeirizada, neoliberal e planetária -, criadora dos corpos que são “cafetizados”, para deles alimentar-se, levando os desejos a uma entrega cega aos seus desígnios (2018, p. 24). Percebam como tem tudo a ver com a epigrafe flusseriana (1963) no começo do artigo.

Interessante também relacionar aqui Flusser e o que Rolnik denomina de colonização do desejo pelo regime em sua atual versão, isto é “inteiramente distinto de seu modo fordista”.

Em sua nova versão é a própria pulsão de criação individual e coletiva de novas formas de existência, suas funções, seus códigos e suas representações que o capital explora, fazendo dela seu motor. Disto decorre que a fonte da qual o regime extrai sua força não é mais apenas econômica, mas também intrínseca e indissociavelmente cultural e subjetiva - para não dizer ontológica - o qual lhe confere um poder perverso mais amplo, mais sutil, mais difícil de combater. (2018, p. 32)



Essa relação é possível a partir do que Flusser apresenta em 1988, durante entrevista ao artista e professor húngaro Miklós Peternák, no Festival Europeu de Arte-mídia em Osnabrück, quando afirma:

Toda revolução, seja ela política, econômica, social ou estética, é, em última análise, uma revolução técnica, se você olhar pelas grandes revoluções que a humanidade passou, por exemplo, a revolução neolítica, da idade do bronze, do ferro, ou da revolução industrial, toda revolução é, de fato, uma revolução técnica, também é essa atual, mas diferentemente das revoluções técnicas anteriores, onde a técnica simulava o corpo, pela primeira vez, essa versão atual da técnica simula o sistema nervoso dos homens, então, é realmente uma revolução imaterial e usando um termo antigo, uma revolução espiritual²².

E, para completar, acrescento Baitello e seu “Pensamento Sentado”, incorporado historicamente pelo homem desde o Neolítico - a vida sedentária - e que se transforma no estágio civilizatório desejado e alcançado pela sociedade contemporânea, principalmente, pelas grandes corporações e sua capacidade de extrair e adquirir dados sobre nós.

Com a postura sentada pretende-se acalmar o animal inquieto e criativo, um verdadeiro vulcão pronto para entrar em erupção a qualquer momento. Com a ação de sentar acredita-se ter domado o corpo e civilizado o homem. Parece que tudo no mundo moderno (e nesse tudo se incluem os meios de comunicação mais sofisticados) gira em torno de uma cadeira, de um sofá, uma poltrona, um trono, um assento, um banco (de sentar), uma banqueta. Sentar-se tornou-se sinônimo de conforto. E a tecnologia contemporânea investiu todas as suas fichas em aparelhos que são operados por pessoas sentadas. (2012, p. 18)

Posto aqui essa metáfora da realidade, assinalada por Flusser em 1963 e 1988, analisada por Baitello em 2013 e reconhecida por Rolnik em 2018 - uma tecnologia que simula o pensamento, um aprisionamento do corpo e conseqüentemente uma usurpação das importantes ferramentas humanas para seu estar no mundo - seguimos com a observação atenta de Rodolfo Geiser, durante troca de correspondência com nosso autor - entre os anos de 1982 até 1990, quando diz compreender a crítica flusseriana sobre a ecologia se vista somente como o estudo da “preservação da natureza”. Rodolfo escreve: “Imagino que o importante é a consciência da realidade e a

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lyfOcAAcoH8&t=6s>. Acesso em: 4 jun. 2024.



vivência do sistema de relações em que nos situamos” (s./d.-1, p. 65). Importante dizer que é nessa correspondência que Flusser apresenta claramente o reino do lixo (Dabdab; Baitello; Menezes, 2020).

Para Flusser, a realidade deve ser concebida enquanto conjunto de relações, um campo. Ele propõe que a Ecologia deveria insurgir-se contra sua função apenas de uma ciência natural, para tornar-se também uma ciência antropológica, e que consequentemente duas novas disciplinas despontariam: uma coprologia²³ e uma coprofagia²⁴, ambas relacionadas à manipulação e à ingestão de lixo (s./d.-1, p. 39).

O mundo tende em círculos

“O importante é que o mundo tende”, diz o autor quando analisa a cosmovisão do século XVII e o seu tempo linear, histórico, “tendendo” para a plenitude: “É um vir a ser, o mundo”. Essa ideia de não admitir o fim como meta da vida acaba por transformar o mundo em mecanismo ou em um relógio: “É o melhor dos mundos possíveis, justamente por ser seu tempo circular e não apontar a morte” (s./d.-7, p. 25)

A dinâmica “tender em círculos” descreve a “herança da idade moderna”, diz o autor e aponta para o contrassenso do movimento da ação do homem em seu *Lebenswelt*. “Tender em círculos” é o movimento engajado e alienado sempre de volta a seu ponto de início, como um circuito fechado, desconsiderando o fato de o mundo ser irreversível; um processo do gesto humano contra o medo da morte, contra o absurdo, que de maneira metafórica, nos “enjaula”.

Uma consideração desta jaula revela que ela consiste de coisas que nos barram o caminho. Há duas espécies de coisas. Chamemos a primeira de “natural” e a segunda de “cultural”... A distinção entre as duas espécies de coisas é feita com o seguinte critério: as coisas naturais, ao serem vivenciadas por nós, revelam um fundamento inarticulado e misterioso a partir do qual se precipitam ao nosso encontro. As coisas culturais, ao serem vivenciadas por nós, revelam a articulação, a manipulação, de outras existências que por aqui passaram. As coisas naturais atestam o fundamento do ser, as coisas culturais atestam existências predecessoras. A nossa jaula consiste,

²³ Também entendida como “escatologia”. Estudo das fezes humana. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Coprologia>. Acesso em: 20 jun. 2024.

²⁴ Assim como a coprofilia, prática de ingestão e excitação sexual com fezes. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Coprofagia>. Acesso em: 20 jun. 2024.



em sua grande maioria, de coisas da cultura. Somos determinados muito mais pela cultura que pela natureza. (s./d.-6, p. 65)

Para Flusser, o gesto humano é gesto de informar, valorar as coisas, é gesto discursivo e se tornou o gesto principal do humanismo. Aqui entendemos sua crítica da cultura:

Isto esclarece um pouco o engajamento: todo engajamento digno do nome é engajamento em prol do “dever ser”, da cultura. Portanto engajamento contra a natureza e o contra o lixo, em favor da vaca, do trigo, do minério e contra a erva daninha, o rinoceronte, a serra e contra a palha, o cadáver da vaca, e a limalha de ferro. Quando o lixo era desprezível (isto é: no curso da história toda), o engajamento digno era sempre contra a natureza. Todo romantismo (volta para a natureza) era traição de valores. Atualmente o que conta é engajar-se contra o lixo... (s./d.-1, p. 11)

Essa fala curiosa, carregada de exemplos inusitados, está inserida na correspondência trocada entre Flusser e Rodolfo Geiser durante os anos de 1982 até 1990. É neste período que o autor aponta para a urgência de se olhar para as camadas de acúmulos endêmicos e mal processados que acabam amontoando nosso caminho. Uma ciência para o lixo, uma ciência coprológica.

O reino do lixo | cultura como política de confinamento

Uma atmosfera sinistra envolve o planeta. Saturado de partículas tóxicas do regime colonial-capitalístico, o ar ambiente nos sufoca. (Rolnik, 2018, p. 29)

A nossa jaula consiste, em sua grande maioria, de coisas da cultura.” (Flusser, s./d.-6, p. 66)

Flusser define o reino do lixo como o terreno das coisas semidesinformadas, isto é, terreno da informação parcialmente gasta – consumo (s./d.-1, p. 10) e afirma que o lixo se confunde de tal maneira da região da cultura que fica extremamente difícil separá-los.

O modelo que se impõe atualmente é circular: o homem vai transformando natureza em cultura pelo processo da “produção”, cultura em lixo pelo processo do “consumo”, e o lixo se transforma espontaneamente em natureza pelo processo da “decomposição”. O problema atual é o lixo: vai crescendo e sua decomposição em



natureza é lenta (lixo atômico, matéria plástica, etc.). O acúmulo do lixo freia a circulação da história, e a história estagna. (s./d.-1, p. 8)

O trinômio natureza-cultura-lixo na forma de ronda – dados naturais vão sendo transformados em feitos culturais, e os feitos por sua vez em dados da natureza - pressupõem a dinâmica do eterno retorno²⁵, a circularidade que se repete em um dado rítmico. Para Flusser, é importante observar esse movimento, que Platão chamou de “idiotice”, e que caracteriza tudo o que tem a ver com economia e ecologia. Os habitantes do “ecossistema” são, segundo Platão, escravos, porque giram em eterno retorno e porque são privados de ideias (valores). Porém, esses escravos são os reis, então essa é a vitória da economia sobre a política e a filosofia, e, para Platão, a tirania. O mesmo vale para a ecologia, diz Flusser (s./d.-1, p. 19).

A etimologia da palavra idiota²⁶ vem do grego *idios* que significa “privado” ou “pessoal” e se transformou na Grécia Antiga em *idiotes* para designar as pessoas metidas com seus próprios afazeres, afastadas da gestão da coisa pública. Na sociedade grega da época, isso era o mesmo que dizer “pessoa sem instrução”, pois só tomava parte na vida pública quem tivesse algumas luzes, que não exerciam nenhum tipo de trabalho público. Com o passar do tempo, *idiotes* passou a estar relacionado com os “homens comuns”, indivíduos que não tinham nenhuma distinção ou qualificação diferenciada. Quando chegou ao latim, *idiota* já carregava, ao lado da acepção primitiva de “pessoa simples, sem instrução, iletrada”, a de “pateta, parvo, tolo”.

Aproximar etimologicamente as palavras de sua genealogia é uma ferramenta potente para esclarecer a “intencionalidade” humana na sua capacidade para formular como devem ser as coisas e ideias, com gesto paulatino, endêmico, cíclico, rítmico, programável e “automatizável” (s./d.-2[1]; s./d.-2[2]; s./d.-1).

Outro bom exemplo é a etimologia para lixo e resíduo. A palavra “lixo”, para alguns especialistas vem do latim *lix*, que significa cinza, lixívia, pois, antigamente, a maioria dos resíduos domésticos era composta por restos de carvão e cinzas provenientes do fogão e da lareira. Mas também pode estar associada ao latim *lixare*, “aparar, lixar”, em referência ao resultado da operação de retirar excessos de algum



material, ou ainda, do latim *lixius* que significa “água ou objeto sujo”. E resíduo vem do latim *residuum*, “ficar atrás, sobrar”. Destarte, podemos claramente “designar” o lixo como pó, como um gesto/ação e como sobra; o pó que nos desorienta e nos cega, o gesto/ação que nos apara e a sobra que nos impede de caminhar.

Mas a singularidade do raciocínio proposto por Flusser, no meu entender, diz respeito a considerar e compreender os entrelaçamentos que ocorrem, principalmente, entre os reinos do lixo e da cultura – sua *kulturkritik* - cultura e lixo se autoalimentam e se excretam - e também pelo entendimento de que vivemos desde sempre em paisagem cultural, e natureza passa a ser um conceito filosófico, uma ideia: “Somos determinados muito mais pela cultura. As existências que por aqui passaram antes de nós diminuíram radicalmente o âmbito da natureza, ao transformá-la em cultura. Não são tanto as onças que nos ameaçam, mas os elevadores” (s./d.-6, p. 66).

Em outras palavras, para Flusser a dialética do gesto humano de valorar os dados - trabalho - e depois consumi-los, acaba orientando os homens para um determinismo cíclico, principalmente, com as características atuais desse gesto: é automatizável e paulatino.

O homo faber busca na matéria-prima a sua imortalidade. Estes materiais, além de atrasarem a volta da obra para a natureza, permitem ser parcialmente desinformados e vão constituindo um núcleo praticamente indestrutível de lixo: ex. garrafas plásticas, lixo atômico, preconceitos, ideologias. Isso demonstra que o engajamento em valores produz antivalores. (s./d.-2[1], p. 42)

Para contextualizarmos nossa triste realidade global, cito um estudo publicado pela revista *Science Advances* sobre a produção, o consumo e o destino de todos os plásticos já fabricados no mundo: desde o início dos anos 1950, com a produção em larga escala dos materiais sintéticos, havíamos gerado 8,3 bilhões de toneladas métricas de plástico, das quais 6,3 bilhões já eram resíduos. Desse total de resíduos, 9% foram reciclados, 12% foram incinerados e 79% acumulados no meio-ambiente. Para 2050, se o ciclo rítmico se mantiver, cerca de 12 bilhões de toneladas de resíduos plásticos estarão entre nós; o que significa 35 mil vezes mais pesados que o *Empire State Buiding*²⁷. Se olharmos para a realidade brasileira, em 2018 geramos 79 milhões de

²⁷ Disponível em: <https://www.sciencedaily.com/releases/2017/07/170719140939.htm>. Acesso em: 24 jun. 2024.



toneladas de resíduos sólidos urbanos, e o índice nacional de reciclagem foi de apenas 3%²⁸.

Para dar conta do nosso lixo imaterial, um levantamento sobre a produção do medicamento metilfenidato (normalmente Ritalina) chama atenção, pelo curto espaço de tempo e pela quantidade produzida. Entre 2002 e 2006, sua produção cresceu mais de 400%. No Brasil, o uso da Ritalina também cresceu ao longo dos anos; uma pesquisa nas drogarias do país comprovou que o crescimento foi de 50% nas vendas em quatro anos, chegando a um total de 1.853.930 caixas²⁹.

Aqui, o que nos interessa é entender o modelo que nos coloca envolvidos com esse lixo residual em nosso ecossistema físico e mental. Modelos de certa forma “impostos” pelo *modus operandi* dessa sociedade, tanto com as grandes fabricantes de alimentos e bebidas - que lideram o consumo da produção de embalagens plásticas - quanto pela indústria da informação, da produtividade, do empenho. Ao apresentar esses dados de materialidade e imaterialidade - ressaltando novamente que, para Flusser, não há separação entre natureza, cultura e lixo, a intenção aqui é a conscientização frente à urgência de repensarmos nosso estar no mundo, a partir de uma antiatitudes, uma atitude radical, algo que Flusser chama de uma nova religiosidade.

Por uma irreligiosidade e um novo nomadismo

Pós-história será isso: o eterno retorno do esforço do homem para superar os engenhos que ele próprio provocou, mas os quais ameaçam engoli-lo sob forma de um totalitarismo programado. (Flusser, s./d.-2[2], p. 47)

Flusser conceitua o momento “histórico” da humanidade - a partir da relação mais engajada com os aparelhos - de pós história. E é partindo desse grande ambiente que o autor engloba e inter-relaciona os diversos cenários desenhados por ele, e que nos interessa aqui como o lixo, as coisas e as não coisas, os gestos, os aparelhos, a cultura.

²⁸ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596799-reciclagem-indice-nacional-e-de- apenas-3-estudo-revela-que-mais-de-3-mil-cidades-ainda-destinam-residuos-para-lixoes?fbclid=IwAR0jyCszL99FkklrDa50IQ65DMSSUNMJIM5XerGhu3dNzCLyTMV1N8b3oc>. Acesso em: 24 jun. 2024.

²⁹ Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/8810>. Acesso em: 24 jun. 2024.



Na afirmação flusseriana de que “somos uma sociedade impotente para o consumo”, o autor vai propor, na aula intitulada *Enjaulado nas Coisas*, dentro do curso “Influência do Pensamento Existencial sobre a Atualidade”, em 1965, no IBF, a jaula como esse ambiente contraditório que nos cerca: “Estamos em situação absurda, porque sentimo-nos enjaulados por coisas profanas que são resultado de um esforço libertador frustrado” (s./d.-6, p. 66).

Flusser se mantém empenhado em quebrar existencialmente a cadeia contraditória de acúmulos (coisas e ideias), na situação absurda que vivemos, e inicia um raciocínio que parte das coordenadas espaços-temporais do homem, o seu aqui agora, para uma “tomada de consciência”, um encontrar-se (p. 67). Para ele, “encontrar-se” exige esforço e significa um movimento de “recolhimento”:

O movimento de recolhimento é um movimento de repulsa, um arrepio de nojo. Nesse movimento que encaro a minha morte, encontro-me a mim mesmo. [...] Vivencio que existo. Até agora, preso pelas coisas que me cercam, simplesmente vegetei, cambaleando por entre as solicitações das coisas. Não existi autenticamente. Decai para a morte. Agora, ao enfrentar a minha morte e ao decidir-me por ela, existo.

E é na busca de um projeto para engajar-se - “estou empenhado no esforço de forçar aberturas nessa sociedade pré-formulada” -, que encontramos o que o autor chama de fé transcendente, um significado para nossa existência “sem fé”, mas em busca dela.

Neste sentido estou em situação verdadeiramente irreligiosa. Encontro-me sem fé, mas em busca de fé, e isso confere o clima específico a tudo que eu faço. A minha decisão para a morte, que é o fundamento para a decisão em prol de um *engagement*, é uma busca de uma fé transcendente. A perda total da fé, que caracteriza a situação na qual me encontro, é simultaneamente e por isso mesmo, o primeiro passo para um novo sentimento religioso. O meu empenho não pode ser, portanto, empenho em prol de um significado, mas o empenho em prol de uma busca de significados.

Assim, podemos dizer que essa “busca de significados” está relacionada com sua ideia de que o ecossistema não pode ser mais concebido enquanto conjunto de elementos (objetos) mas enquanto conjunto de relações (campo), muito bem representada em sua correspondência com Rodolfo Geiser, datada de 5 de março de 1988.



Conclusão

Importante lembrar que outros autores têm trabalhado o relacional para refletir sobre a cultura e a educação, como Edgar Morin e sua abordagem de método, Paulo Freire, na base da sua pedagogia, e Viveiros de Castro, com o perspectivismo ameríndio: “Não são as relações que variam, mas as variações que relacionam” (2002, p. 120).

E isso significa ir contra a tudo que já está posto, como, por exemplo, o movimento cíclico da ação humana no meio ambiente representado por diversos cientificismos: “O marxismo, o fascismo e o liberalismo, que continuam atuando poderosamente. Mas é justamente contra essa canalização da nossa religiosidade em estruturas esvaziadas que não devemos projetar-nos” e aponta a arte como possível abertura para esta insurgência ao cientificismo (s./d.-3, p. 70).

Mas não qualquer arte. Perceber-se como ser fenomenológico nos liberta das determinações impostas pela morte, o gesto *faber*, e nos direciona para as relações: praticar um diálogo autêntico com o outro; a conversação é amor realizado. Para Flusser, é no diálogo com os outros que nos imortalizamos. (c.f, p. 69)

É nessa perspectiva que eu entendo o autor encaminhando seu pensamento ambiental ou sua pedagogia, a que chamamos de “pedagogia da intersubjetividade” (Dabdab; Baitello; Leão, 2022). Uma pedagogia, uma abordagem, uma estética que pratique, principalmente, com as relações. Eu, de maneira radical, digo, sem produtos como fim, isto é, ter como engajamento construir vínculos “com o entorno”, o que significa “com os outros” (humanos e não humanos), *com* a alteridade.

E é *com* essa perspectiva que, como pesquisadora e docente de Comunicação e Arte-educação, quero atuar.

Referências bibliográficas

BAITELLO JR, N. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Paulo: Unisinos, 2012.

DABDAB, R.; BAITELLO JR, N; MENEZES, J. E. O. As crateras de Itabira. Correspondência entre Vilém Flusser e Rodolfo Geiser sobre a Ecologia. **Líbero**, ano 23, n. 45, 2020, p. 12-26. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1153>. Acesso em: 20 jun. 2024.

DABDAB, R.; BAITELLO JR, N.; LEÃO, I. C. L. Communication and education for otherness: Photographic expeditions as an exercise in the pedagogy of intersubjectivity. **Flusser Studies**, v. 34, 2022b. Disponível em: <https://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/rob>

[erta-norval -lucia-communication-education-otherness-photographic-expeditions.pdf](#).

Acesso em: 17 jun. 2024.

DABDAB, R. **Comunicação para a alteridade**: As expedições fotográficas como exercício para a pedagogia da intersubjetividade. Tese (Doutorado), 2022. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/30984>. Acesso em: 17 jun. 2024.

CASTRO, E. V. O nativo relativo. *Mana*, v. 8, n. 1, 2002, p. 113-148. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/ZcqxxhghZk9936mxW5GRrhq/?format=html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FLUSSER, V. **Correspondência a Rodolfo Ricardo Geiser**. (s./d.-1 [1982 – 1991], p. 1-100. Cor_16_6-GEISER_3142. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=919. Acesso em: 28 out. 2023.

FLUSSER, V. **Pós-história e meio-ambiente**. (s./d.-2 [1], p. 40-43). Courses 7_2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1397. Acesso em 28 out. 2023.

FLUSSER, V. **Pós-história e cultura**. (s./d.-2[2], p. 44-47). Courses 7_2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1397. Acesso em: 28 out. 2023.

FLUSSER, V. **A consumidora**. (s./d.-3, p.126-136). Essays 1_Portuguese- A_10_A. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1565. Acesso em: 28 out. 2023.

FLUSSER, V. **Da gula**. (s./d.-4, p. 91-92). Essays 5_Portuguese- D_DA. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1569. Acesso em: 28 out. 2023.

FLUSSER, V. **Enjaulado pelas coisas**. (s./d.-6, p. 65-70). Courses 1_2- IPEA. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1391. Acesso em: 7 mar. 2024.

FLUSSER, V. **Filosofia e evolução da ciência**. Teorias do Conhecimento - Aula 2 (s./d.-7, p. 22-27). Courses 7_2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: https://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1397. Acesso em: 7 mar. 2024.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.